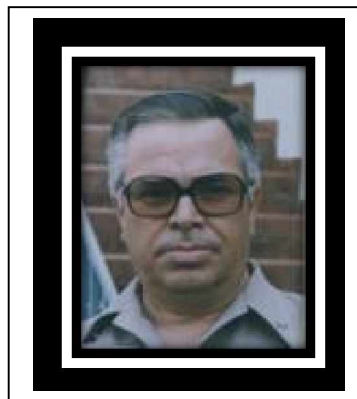


## A AMIZADE CAXIAS – OSÓRIO E A SUA PROJEÇÃO POLÍTICA



**Coronel Eng Claudio Moreira Bento**

**Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e acadêmico correspondente das Academias Portuguesa da História e correspondente de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Ceará, Mato Grosso etc. Foi o 3º vice-presidente do Instituto de Estudos Vale-paraibanos (IEV) no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existem 2 exemplares no acervo da FAHIMTB, doado à Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que a última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do**

Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG 1981-1982; E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. Estudou no Colégio Franciscano em Canguçu 1938/1944 e no Ginásio Gonzaga em Pelotas 1945-1949 e no Ginásio pelotenses em 1950, por ocasião da prestação do Serviço Militar na 3ª Companhia de Transmissões em Pelotas acantonada no 9º RI em Pelotas, e concluiu o Curso Científico na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre em 1952 de onde seguiu pra a cidade de Resende para cursar a Academia M e onde trabalhou contratado pelo Exército como seu historiador até janeiro de 2019. É professor emérito da AMAN e Acadêmico e Presidente de Honra da Academia Duque de Caxias e Analista de Alto Nível em 1976 pela Escola Nacional de Informações da Presidência da República.

## A AMIZADE CAXIAS – OSÓRIO E A SUA PROJEÇÃO POLITICA



***Reprodução de trechos de correspondência trocada entre os dois chefes e líderes militares e referência a passagens de suas vidas, testemunham as relações de amizade e respeito que os uniam***

A amizade entre os dois maiores generais do Brasil teve início em 1839, em Pelotas, quando o Duque de Caxias era tenente-coronel e o General Osório e Marquês do Herval era capitão recente.

Osório representava outros oficiais junto ao Ministro da Guerra, que Caxias assessorava, contra o General Elziário. Português de nascimento. O General Elziário era monitorado por conservadores radicais que impediam a paz farroupilha. Ele saíra-se mal operacionalmente, acusado de preconceituoso e irônico contra oficiais brasileiros. Osório, desgostoso, havia pedido baixa para atender a problemas de sua mãe viúva em Caçapava do Sul.

O que o ministro e Caxias viram e ouviram deram razão a Osório, que foi convencido a não deixar o Exército e mereceu, dos outros generais após Elziário, as melhores referências.

Ao assumir a pacificação da Revolução Farroupilha, Osório logo granjeou a simpatia e apreço de Caxias, barão e brigadeiro. Pelo brilho operacional de seu legendário 2º Regimento de Cavalaria, sediado em Bagé, Caxias assim se dirigiu a Osório:

**“Major, o corpo ao seu comando é modelar! O Governo deve-lhe uma promoção. Previno- o que fui pedi-la ao Ministro da Guerra.”**

Osório recebera, de Caxias, missão de afastar Rivera do apoio aos farrapos e se desincumbiria com brilho. Daí por diante, segundo Calógeras, Osório tornou-se o homem indicado *para missões que “exigissem tato, finura, coragem e jeito”*

Na *Paz de Ponche Verde Osório* o esteve ao lado de Caxias incorporando, como livres em seu Regimento parte dos Lanceiros Negros farrapos libertos pelo Convênio de Ponche Verde.

Quando o Imperador visitou o Rio Grande, Caxias encarregou Osório de fazer-lhe a segurança, e a de sua comitiva, de Cachoeira a São Gabriel, com a seguinte recomendação:

**“Cuidado Tenente-Coronel Osório! O Imperador é jovem. Só tem 20 anos e há de querer correr.”**

Osório veio a ser, em 1846, o grande cabo eleitoral de Caxias, eleito senador vitalício pelo Rio Grande do Sul, com escolha confirmada pelo Imperador.

Caxias, senador pelo Partido Conservador, e Osório, deputado provincial pelo Partido Liberal, foram pioneiros do ideal de fazer a política do Exército e não a política no Exército. E isso praticaram até o final de seus dias, como se verá.

Na guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852), o Tenente-Coronel Osório se tornou assessor imprescindível de Caxias no trato com chefes militares platinos aliados, como, por exemplo, o General Urquiza. Caxias designou Osório, com seu regimento, para integrar a Divisão Brasileira que lutou em Monte Caseros, do que resultou a derrota de D. Manoel Rosas. Ao embarcar para o Rio, Caxias deixou o seguinte recado a um terceiro:

**“Transmita este abraço ao nosso Osório. Ele é o maior guasca (bravo, destemido, valente) da Província do Rio Grande e o que mais louros colheu na Batalha de Monte Caseros.”**

Osório, em função de sua atuação política, foi por duas vezes caluniado, sob a acusação de querer separar o Rio Grande do Brasil e juntar-se a países platinos. Caxias, como chefe do Governo, o defendeu junto ao Imperador e demais ministros, classificando a acusação como **“um exemplo das teias caluniosas da época.”**

Uma nova investida resultou na transferência do Brigadeiro Osório para a Corte, sem função. Caxias intervém e consegue que o Imperador use o Poder Moderador para anular a transferência e conservar Osório no comando da fronteira do Jaguarão. Osório, indignado, confidenciou ao amigo e protetor:

**“Enquanto dura o perigo não sofro a acusação de separatista. Acaba-se a guerra e logo começam os meus grandes inimigos a apregoar que sou anarquista e insubordinado...”**

Na Guerra do Paraguai, Caxias foi convidado para assumir o comando-chefe. Mas teve de recusar, por não lhe ser dada a presidência do Rio Grande, à qual se subordinava a Guarda Nacional, e por ser Ministro da Guerra. o Visconde de Sinimbu, o único inimigo que Caxias disse ter tido no Exército e que nunca o havia desejado como subordinado. Não aceitaria subordinar-se a um inimigo numa missão de tamanha responsabilidade (Sinimbu fora o derrotado, em 1835, pelos farrapos na Azenha). Entretanto, Caxias aplicou-se, nos bastidores, para que Osório fosse nomeado comandante- em -chefe, o que ocorreu.

Depois de sua vitória em Tuiuti, Osório retirou-se do Teatro de Guerra por doença.

Com o desastre de Curupaiti, sob o comando do General Polidoro Quintanilha Fonseca Jordão, Caxias, novamente convidado, aceitou, sob condições que o Partido Liberal aceitou e honrou. Convidou Osório a retornar à frente do 3º Corpo de Exército a mobilizar no Rio Grande do Sul, animando-o com estas palavras:

***“Fale a estes guascas naquela linguagem que nós dois sabemos.”***

E foi formada uma dupla integrada pelo maior líder de batalha, Caxias, e de Osório, o maior líder de combate do Brasil, até hoje, não superado, e que escreveu as mais belas páginas da história operacional do Exército Brasileiro.

Finda a guerra, a politicagem tratou de criar desconfianças e abalar a amizade entre Caxias e Osório - o primeiro, uma legenda guerreira do Partido Conservador e, a segundo, uma legenda guerreira do Partido Liberal. E passou a explorar inverdades do desempenho de Osório no ataque a Humaitá, com a retirada não ordenada por Caxias, e o atraso de Osório no desbordamento da ponte de Itororó.

Caxias, em célebre discurso (15 de julho de 1870), no Senado, desfez por completo a intriga política, exaltando a figura do amigo ao qual sempre dera carta branca. Mas, novas investidas colheriam os dois heróis muito doentes e abalados com a perda das esposas e por ingratidões. Um senador que sempre atacava Caxias, Silveira da Mota, leu em plenário carta de Osório em que este dava a entender que contestava Caxias. Isso provocou enorme mágoa em Caxias e um abalo na amizade entre ambos, pois Caxias esperava que, se qualquer dúvida existisse, o amigo a ele se dirigisse para esclarecer.

Em 1877, quando Osório, eleito senador pelo Rio Grande, assumia o posto, Caxias que sentava próximo, na bancada gaúcha, não foi ao seu encontro para abraçá-lo. Limitou-se a cumprimentar com um gesto de cabeça a distância, como que esperando a iniciativa de Osório, igual à que este em 1847, fizera com seu pai senador, indo ao seu encontro quando foi empossado, abraçando-o de modo comovente.

A politicagem explorou o incidente exaustivamente. Em reunião do Senado, sendo chefe do Governo e Ministro da Guerra, Caxias foi interrogado de modo insistente, impertinente, indiscreto e impiedoso pelo não cumprimento ao Senador Osório.

Caxias monossilabicamente respondeu a todas as indagações, até que falou mais ou menos assim:

***“Não fui abraçá-lo, pois a ele caberia antes, como oficial do Exército, ao chegar do sul, ter ido ao Ministério da Guerra cumprimentar-me, por ser eu mais velho, mais graduado e ter sido sempre o seu chefe.”***

A posição de Caxias foi firme. Não transigiu com as vigas-mestras do seu Exército - a Hierarquia e a Disciplina.

O incidente abalou externamente uma amizade íntima e de confidentes, como o prova o intenso intercâmbio epistolar entre ambos, mas não a admiração e o respeito íntimo que ambos se tributavam. Assim, em sessão do Senado, de 5 de outubro de 1877, o Senador Osório faz uma proposição à qual Caxias, senador, chefe do Governo e Ministro da Guerra, apóia em aparte que solicitou:

***“Sr. Presidente o que propõe o nobre senador Osório me parece conveniente. Com os recursos que existem na Província do Rio Grande do Sul e no local em que estão situados os campos do Governo, deixam eles de prestar bons serviços às necessidades militares da fronteira. A idéia do nobre Senador Osório de colocar campos de pastagens próximos dos quartéis de fronteira é de suma vantagem e, por isso, não me oponho a que se conceda autorização.”***

Em suma era vender campos distantes dos quartéis, no interior do Rio Grande, para comprá-los juntos aos mesmos.

Osório substituiu Caxias no Ministério da Guerra e, em aparte, um senador insinuou que Osório estava fazendo críticas ao seu antecessor.

Osório, com veemência e categórico, respondeu em alto e bom som:

***“Declaro ao Senado que repilo a insinuação. Se esse general, por cuja saúde faço votos na sua doença, esqueceu por um momento os abraços do amigo dedicado no perigo, não atribulo seu gesto à sua vontade, nem a uma possível ingratidão. Qualquer um de nós pode sofrer uma grave enfermidade. Eu nunca soube na vida senão respeitá-lo)”***

Esse final é que faltava na história do incidente do cruel questionário a que Caxias foi submetido no Senado por Zacharias de Góes.

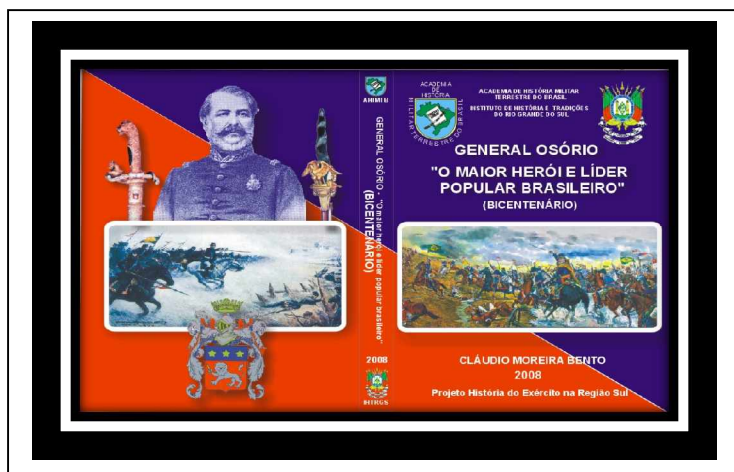
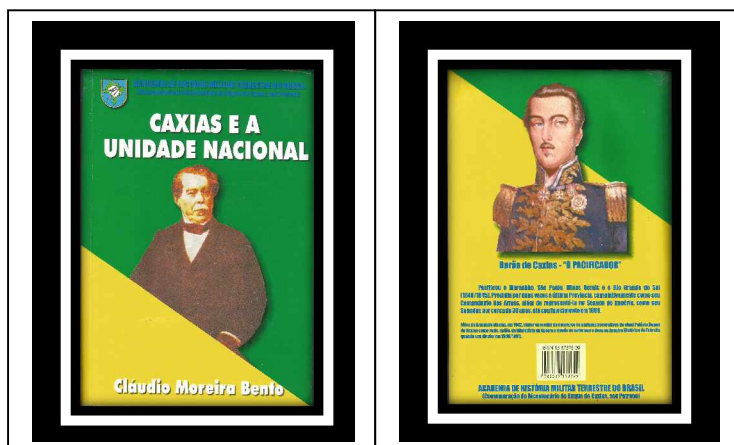
Osório faleceria primeiro que Caxias, no final de 1879, e Caxias, cerca de meio ano depois, em 8 de maio de 1880, no município de Valença-RJ, junto à filha mais velha. Deixaram, ambos, o Exército na orfandade por serem seus defensores no Senado, tarefa que exerceram nos últimos trinta anos.

Para compensar suas ausências, militares do Exército e da Marinha, na Igreja Santa Cruz dos Militares, em 1881, organizaram o **Diretório Militar** para lutar pela eleição de militares dos partidos Conservador, Liberal e Republicano para o Parlamento. Não conseguiram eleger nenhum representante. Foram **cristianizados**. E continuaram órfãos de representatividade no Parlamento. Foi nesse **Diretório** que emergiu a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca, oito anos antes da proclamação da República. E, dentro de um mesmo movimento iniciado no **Diretório Militar**, ocorreram a **Questão Militar**, liderada por Deodoro, como presidente do Rio Grande do Sul, e a fundação do Clube Militar. Ainda sob a liderança de Deodoro, ocorreu o protesto acolhido pelo Clube Militar, para que o Exército não fosse usado como capitão de mato na perseguição de escravos fugidos, o que equivaleu à Abolição de fato, antecessora da Abolição de direito, em 13 de maio de 1888, e a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, seguida de sua sangrenta consolidação (1891-1895).

**“Quem não conhece a História corre o risco de repeti-la.”**

Aqui, na celebração da amizade Caxias-Osório, tão benéfica para o Brasil, e para o Exército em particular, que cada um colha a lição que:

**“A História que como mestra da vida e mestra das mestras”**, sugere.



1ª e 2ª capas de biografias de nossa autoria de Caxias e Osorio ,enriquecidas com farta ilustração. Na 1ª capa de Osório pintura da Batalha de Avaí do acadêmico emérito Cel Pedro Paulo Estigarribia e na 4ª capa Osório na Batalha de Monte Caseros , pintura do Patrono de Cadeira Alcebiades Miranda Junior